



EDMAR MONTEIRO FILHO

**O REI
CONDENADO
À MORTE
& OUTRAS HISTÓRIAS**

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2015



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
E. M. F.

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M775R MONTEIRO FILHO, EDMAR. 1959 -
O REI CONDENADO À MORTE & OUTRAS HISTÓRIAS /
EDMAR MONTEIRO FILHO. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2015.

206 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-69033-90-5

1. CONTOS I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O Rei condenado à morte

Subitamente, o menino disse:

– Mostraram um filme com os jogos de 58.

E mais nada.

Segui mastigando o bolo de aveia, sorvendo o chá em pequenos goles. A menina brincava com a geleia, torturava a fatia de pão. Não aproveitei a exceção ao costumeiro mutismo do menino para estimulá-lo: “Que jogos?” “Por que motivo?” “E então, que achou?” “Só os nossos ou todos eles?” Eu insistiria, fosse outro o tema. Seus olhos ficaram comigo por um interminável segundo, desafiando-me a admitir que eu compreendera. Então, improvisei entusiasmo e minúcias para turvar seu pensamento, antes que ele arrastasse as conclusões para trás de um silêncio inalcançável. Contra sua precisão de criança, meu

discurso excessivo de adulto, surpreendido por um inesperado reencontro: tratava-se, sem dúvida, da final, de um lance, um gol.

O menino deixou os cereais intactos, aprisionado pela profusão das minhas palavras. Estavam atrasados, segundo a mãe, mas eu segui falando, consciente do risco de tantas explicações, do retrato infeliz, mal desenhado. Estivesse alerta e importaria uma impressão favorável às suas retinas, marcadas pelas imagens de uma antiga derrota e, certamente, de um inesquecível momento.

Foram-se os dois com a mãe, de quem provei o cappuccino no beijo ligeiro. Da porta, o mesmo aceno sério do menino, mas o sorriso da menina para pedir que eu lhe contasse, à noite, a mesma história de futebol que acabara de contar ao irmão.

Se ela não recordasse o pedido e eu não tencionasse lembrá-la. Se eu pudesse compor uma peça melhor, com maior graça, as imagens enriquecidas pela festa da torcida e pelas cores dos uniformes, os jogadores feito combatentes de uma luta da qual mesmo os derrotados emergiam com a dignidade imaculada. Se eu fosse tão convincente, a ponto de transmitir a própria atmosfera do jogo, exibir os melhores enquadramentos para as cenas, especialmente aquele que minha lembrança surpreendida tivera que mostrar ao menino desde um irrefreável desejo de mentir. Diante da minha estratégia, esperava que o temperamento judicioso do menino decidisse relegar a história do jogo ao seu devido lugar no esquecimento. Mas havia os sinais que sua observação inoportuna extraíra do curso de minha

memória. E havia, principalmente, a curiosidade da menina, mesmo que eu não precisasse lhe dizer nada.

Estive só durante todo o longo dia, longo como podem ser os dias desde que deixei de jogar. Revirar uns afazeres miúdos entre uma e outra xícara de chá para espantar uns pensamentos, inutilmente: um único pegajoso instante, repetindo-se até a agonia. Deixei as horas entregues a si mesmas. E passaram.

À noite, o menino diante da lareira, com suas lições. Dessa vez não lamentei seu silêncio. No momento de levá-los a dormir, a menina, irrequieta, falava em demasia, preenchia o espaço com uma profusão de gestos, como insetos em alvoroço. A custo para o quarto, a custo acomodar-se, enfrentando as estratégias que uso para serená-la. Um descuido seu e instantaneamente caiu perante o sono. Comemorei seu esquecimento, imaginando se seria definitivo. Pior que ter de repetir o relato seria estar novamente em campo, dessa vez sozinho, no centro da pior das derrotas.

A mulher desenhava, debruçada sobre a prancheta. Se ela tivesse podido fixar aquele preciso instante da partida com seu traço carregado, o mesmo que usa para compor as figurinhas esbeltas que envergam os últimos modelos da sua criação; se revisse a cena, que movimento escolheria para registrá-la, de modo a transmitir para as possibilidades restritas do papel uma ideia exata, provocando uma emoção, senão idêntica, ao menos aparentada àquela que incendiou o estádio e – sem dúvida – as atenções arredias do menino? Seu traço denso, suando

naquela tarde úmida em Estocolmo; seu traço italiano, excessivo em perfumes e sotaques, cravando meu gesto inútil, talvez meu espanto; seu traço brusco nas pontas dos dedos de esmalte rubro, desenhando a majestade que aguarda, já às minhas costas, a descida da bola que voa sobre minha cabeça; seu traço infiel, revelando o desfecho como se retratasse a cena toda, quadro a quadro, gota a gota, todo um inesquecível segundo. Defendemos equipes distintas. Certamente, retratar-me velho e já vencido. Quanto a Ele, fazê-lo vigoroso, ágil.

Mas ela não esteve no estádio naquela tarde. Talvez jamais tenha assistido às imagens do jogo. Casamo-nos logo após a final perdida. Escolha dela, meses antes. Não sei como seria se tivesse que conviver desde o princípio com a certeza desse desenho nos olhos dela, se não tivéssemos simplesmente rido juntos da derrota, minha gratidão porque ela preferira enxergar as cenas da final com traços alheios, sem importância, um esfuminho sobre a minha mágoa. Mas apagara-se meu desenho frágil, caminho mais curto entre dois pontos do esquecimento. A cena específica, rabiscada em papel distante, reaparecia inteira; não mais o esboço, mas a tela pronta, emoldurada, exposta na parede mais visível, como se estivesse ali desde 58. Minha lembrança geométrica, limpa, substituída pelo traço da mulher, marcado pelo adorno, pelo estético; adjetivo, saturando os sentidos e tornando o momento impossível de esquecer, ainda que oculto durante anos sob uma poeira envergonhada. O menino com seus modos diretos, gestos medidos, como passes de precisão, fora vencido pelo improvisado, a experiência derrotando um igual menos preparado. A menina: surpreendente, a

qualquer momento a jogada súbita, fatal. Por isso, antecipar-me, atacar sem lhe dar chances. Fizéssemos assim naquela tarde e teríamos vencido.

Agosto de 1959. O Santos aplicara três goleadas seguidas, sobre Jabaquara, XV de Jaú e Portuguesa Santista, todas na Vila Belmiro. Já o “Moleque” conseguira boa vitória fora de casa sobre o Comercial, em jogo difícil. O time vinha bem e a expectativa era de que a invencibilidade da equipe praiana pudesse ser quebrada. Em razão disso, numeroso público afluiu até as dependências do Conde Rodolfo Crespi, na Rua Javari, para assistir à partida, estabelecendo novo recorde de renda para o estádio, apesar do mau tempo.

Aqueles que puderam acompanhar o desempenho do Juventus em suas últimas apresentações antes desse aguardado encontro estavam cientes de que a equipe não se intimidaria frente ao quadro do Santos, comandado por Pelé. Sua linha de avantes contava com a categoria e a força de Cássio e a velocidade de Zeola. O meio de campo impecável era formado por Lima e por Clóvis Nóri, o “Professor”, dos melhores centromédios do país. Julinho, Homero e Pando constituíam barreira defensiva compacta, e sob as traves, Moraes, o “Mão de Onça”, dava segurança à equipe. E o que se viu a partir do apito inicial foi exatamente o esperado: um Juventus aguerrido, jogando com a bola no chão, com toques rápidos e envolventes. Não se apequenou em momento algum, buscando manter-se numa postura defensiva. Pelo contrário. Consciente da categoria do adversário manteve o controle sob o esquema muito bem armado pelo técnico Bauer.

Pode-se dizer que o jogo teve dois momentos distintos: antes e depois do intervalo. Ao longo dos primeiros quarenta e cinco minutos, a disputa mostrou-se bastante técnica, com os jogadores de ambas as

equipes demonstrando habilidade e empenho. A marcação correta tanto dos visitantes quanto dos locais impediu que se assistisse a jogadas de ataque mais contundentes, com exceção do gol alvinegro, surgido de lance isolado de Pelé, aos vinte e três minutos. O tento não pode ser atribuído a qualquer falha do setor defensivo da equipe da casa, mas tão somente à fatalidade de a bola espirrada haver encontrado os pés do melhor jogador do Santos, que não teve dificuldades em abrir o marcador. O Juventus soube assimilar o golpe sofrido e seguiu fazendo seu jogo, sem abrir mão da opção ofensiva, ainda que de forma mais cautelosa. Diga-se que a presença de Formiga na zaga dos alvinegros tornou-a mais sólida, compensando as atuações de Pavão e Mourão, protagonistas de algumas jogadas de péssima feitura, que, por pouco, não resultaram em gols adversários. A armação de jogo por parte do Santos teve, como sempre, um diferencial na elegância de Zito, que municiaava os avantes com precisão. Até em razão disso, foi possível ao alvinegro praiano jogar dentro de seu padrão costumeiro: sempre em direção ao gol. O Juventus contra-atacava buscando envolver o adversário com seus pontas ágeis e habilidosos, que deram grande trabalho à defesa sobrecarregada pelos deslizes de seus atletas. Aliás, é preciso que se diga que o estado do gramado, bastante molhado e escorregadio em razão das fortes chuvas que haviam castigado a capital às vésperas da partida, influiu igualmente sobre o desempenho das duas equipes, habituadas ao toque de bola curto, de primeira, como é usual para times mais técnicos.

Como registro negativo ao final da primeira etapa há de se mencionar o princípio de confusão entre Lanzzone e Coutinho, quando o avante local desferiu um tapa no adversário, reagindo às incessantes

provocações recebidas. Outro detalhe digno de nota foi a fraca atuação do árbitro da partida, Sr. Sebastião Mairinque, que permitiu o excesso de violência entre os jogadores, o que acabou resultando, inclusive, nas contusões de dois atletas do Juventus.

A equipe grená retornou para a segunda etapa um pouco modificada em sua disposição em campo. Preocupado com o perigo representado pelos ponteiros santistas, Bauer fez recuar um pouco mais os médios Lima e Clovis, na intenção de proporcionar melhor cobertura aos defensores laterais, Pando e Julinho. A estratégia, acertada em si, oferecia o risco de permitir que o adversário atacasse com maior liberdade pelo centro do campo. O Santos, por sua vez, voltou atuando da mesma maneira, cadenciando o jogo. E acabou sendo beneficiado logo nos primeiros minutos com novo golpe de sorte. Pelé recebeu passe de Zito, livrou-se de um marcador e disparou para o gol. Mão de Onça, que saíra para fechar o ângulo, foi enganado por um desvio na trajetória do chute. Pando partiu decididamente para impedir que a bola ultrapassasse a linha e lograria fazê-lo caso não escorregasse por conta do terreno molhado, não conseguindo evitar o segundo gol santista.

A partir daí, a partida modificou seu feitio. O natural recuo dos juventinos permitiu que Pelé e Coutinho dominassem a bola com maior liberdade e trocassem passes já no campo de ataque, apoiados por Zito. O time da casa seguia contra-atacando em velocidade, ameaçando a meta adversária em diversas ocasiões, só não conseguindo converter em gols suas jogadas de ataque por pura falta de sorte. Dois lances capitais, entretanto, selaram a sorte da equipe grená. Uma bicicleta intentada por Coutinho acabou atingindo o rosto de Homero, que foi obrigado a deixar o campo para ser medicado. O lance imprudente

enxada. Já é tarde para a ordenha. Seu tio Luiz, o administrador, não irá gostar disso, mas que mal há, por um dia? Há muito que fazer. Raul persegue um bando de borboletas amarelas ao redor da casa. Sua tia Doralice esfrega alguma roupa no tanque, prefere esfolar os dedos do que usar a Brastemp da patroa. Tudo está em seu devido lugar. Mais tarde, o menino Eurico estará de volta da escola e inventarão algo para fazer juntos, entre risos. Agora, serão amigos como nunca, ele será feliz outra vez, ou como nunca. Os outros colonos passam por ele como se não o reconhecessem, mas esse é o preço. Terá que se acostumar. Quase sente saudades de quando possuía um nome.